

CARTAS TERAPÊUTICAS À FAMÍLIA DA CRIANÇA/ADOLESCENTE COM DEFICIÊNCIA: INTERVENÇÃO COM FAMÍLIA

CARTAS TERAPÉUTICAS A LA FAMILIA DEL NIÑO/JOVEN DISCAPACITADO: INTERVENCIÓN CON LA FAMILIA

THERAPEUTIC LETTERS TO THE FAMILY OF A DISABLED CHILD/ADOLESCENT: INTERVENTION WITH FAMILY

María Angélica Marcheti

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, Brasil.

mamarcheti@gmail.com

Myriam Aparecida Mandetta

Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, Brasil.

Recibido: 15/04/2016

Acceptedo: 23/05/2016

RESUMO

O presente estudo buscou compreender o significado atribuído pela família da criança com deficiência mental às cartas terapêuticas recebidas durante a sua participação no Programa de Intervenção com Famílias de Criança com Deficiência Mental (PIFCDM) desenvolvido no Brasil. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista no ano de 2010 com seis famílias, e a Análise Qualitativa de Conteúdo segundo Morse guiou a análise. A categoria “sendo uma referência para a família” exprime o significado da carta terapêutica para a família. Trata-se de uma experiência nova, nunca vivenciada pela família, que se surpreende de maneira prazerosa, permitindo o despertar de sentimentos positivos e de consideração por sua história. A leitura das cartas amplia a compreensão sobre a situação vivida, possibilitando à família modificar o manejo das situações, fazendo emergir um sentido de empoderamento de suas capacidades e de pertença à sua história. As cartas terapêuticas mostraram que podem ser intervenções valiosas no cuidado da família da criança com deficiência.

Palavras-chave: Enfermagem Familiar, Crianças com Deficiência, Cuidados de Enfermagem, Família.

RESUMEN

Este estudio busca comprender el significado atribuido por las familias de niños con discapacidad mental a las cartas terapéuticas que recibieron durante su participación en el Programa Intervención con Familias de Criança com Deficiência Mental (PIFCDM) desarrollado en Brasil. La recolección de datos se realizó a través de entrevistas a seis familias, en 2010. El análisis cualitativo de contenido, según Morse, guió el análisis. La categoría “ser una referencia para la familia” expresa el significado atribuido por las familias a las cartas terapéuticas. Las cartas resultaron una

nueva experiencia para la familia, que se sorprendió de una manera agradable, permitiendo el despertar de sentimientos positivos hacia su historia. La lectura de las cartas amplía la comprensión de la situación que vive la familia, lo que permite modificar el manejo de situaciones, dando lugar a una sensación de poder en sus capacidades y de pertenencia respecto a su historia. Las cartas terapéuticas pueden resultar intervenciones valiosas para el cuidado familiar.

Palabras clave: Enfermería de la Familia, Niños con Discapacidad, Atención de Enfermería, Familia.

ABSTRACT

The main goal of this study was to understand the meaning given by the disabled child's family to the therapeutic letters that they received during their participation in the Intervention Program with Mental Disabled Child's Families (PIFCDM). Data collection was conducted in May 2010 interviewing six families. The qualitative analysis of content, according to Morse, led the research. The category of “being a reference to the family” expresses the meaning of the therapeutic letters to the families. This is a new experience for the families, who were pleasantly surprised, allowing the awakening of positive feelings and considerations to their history. Reading the letters widens the understanding of the situation experienced, enabling the family to modify the way that they handle the situations, giving rise to a sense of empowerment of their capabilities in their history with the disabled child. The therapeutic letters showed that they can be valuable interventions in the disabled child's family care.

Keywords: Family Nursing, Disabled Children, Nursing Care, Family.

INTRODUÇÃO

O nascimento de uma criança com deficiência fragmenta a sensação de capacidade e confiabilidade dos pais, causando uma lenta e profunda ferida que demora a se recuperar e que leva à família a enfrentar uma situação desafiadora, na qual afloram sentimentos ambíguos frente à criança (1-2), com uma profunda desilusão, quase sempre acompanhada de sofrimento emocional, exigindo um período de luto, um tempo durante o qual a dor e o sentimento de perda possam ser elaborados (3). A maneira pela qual os pais lidam com suas emoções pode ser diferente. Há os que se voltam para dentro de si, outros expressam abertamente seus sentimentos, alguns buscam ativamente informações; enquanto outros esperam que as pessoas em torno deles tomem a iniciativa da situação. Pode ocorrer ainda de recobrem um sentido normal de si mesmos, e retornar às suas rotinas, meses após o conhecimento da deficiência no filho (4). A família necessita de ajuda, face às situações vivenciadas com o contexto da deficiência, ao longo de sua história de vida, para o seu bem-estar, funcionamento e desenvolvimento enquanto unidade de relações (5-6).

Em nossa prática clínica com famílias de crianças com deficiência, desenvolvida em uma Unidade da Pestalozzi, em Campo Grande, MS, Brasil, como parte do projeto *“Cuidando da família da criança com deficiência: uma proposta de intervenção para fortalecer a resiliência”* e do Programa de Intervenção com Família no Contexto da Deficiência Mental (PIFCDM), uma intervenção que tem sido realizada é o envio de cartas terapêuticas às famílias, a fim de proporcionar momentos de reflexão e de aproximação com o sistema familiar. As cartas ressaltam as forças da família, reforçam as mudanças efetuadas por ela e oferecem uma revisão dos esforços familiares e das ideias ou intervenções sugeridas pelo enfermeiro para o manejo de situações conflitantes (7).

No Modelo de Intervenção na Família (MICF) proposto por Wright e Leahey, o envio de cartas terapêuticas é indicado durante o desenvolvimento do trabalho clínico do enfermeiro com as famílias e na sua finalização (7). A equipe do *Family Nursing Unit* (FNU), na Universidade de Calgary, tem incorporado o uso da carta terapêutica na prática clínica com famílias há mais de 20 anos, e observam que cartas criam oportunidades de relações mais colaborativas e transparentes com a família (8-10). Por meio das cartas, a equipe oferece elogios ou confirmações dos pontos fortes da família. As cartas enfatizam também as ideias sugeridas nas sessões e oferecem novos questionamentos que ampliam o desafio para mudança, apresentando ideias diferentes e convidando a família para novas reflexões. Na literatura internacional, as cartas terapêuticas têm sido muito utilizadas na prática com famílias, representando uma excelente intervenção de enfermagem. Entretanto, na literatura brasileira ainda são poucos os estudos que investigaram sua utilização, assim como a experiência da família com esse tipo de intervenção (8-16).

Temos realizado um programa de intervenções com família (PIFCDM) em que as famílias são encaminhadas por

profissionais da saúde de uma escola especial ou elas próprias solicitam a sua inclusão diretamente com a enfermeira responsável pelo atendimento. O programa é realizado por meio de encontros terapêuticos. No primeiro encontro, é firmado um contrato entre o enfermeiro e a família, que assina um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, após receber explicações sobre a sua participação. Neste momento, é realizada a avaliação da família, segundo o Modelo Calgary de Avaliação da Família (MCAF), com identificação das forças, fraquezas e hipóteses do sofrimento vivenciado pela família. No encontro posterior é realizada a validação das hipóteses do sofrimento da família e são sugeridas intervenções para atingir os domínios afetivos, cognitivos e comportamentais, de acordo com o Modelo Calgary de Intervenção na Família (MICF) (7). Em média, dez sessões são realizadas com a família, e intervenções, como ouvir atentamente, elogiar as forças, aconselhar a família e dar informações são promovidas com a família em cada encontro terapêutico realizado. Questionamos como é para a família receber uma carta terapêutica, como atribui significado e interage com essa experiência. Desta forma, nosso objetivo foi compreender o significado atribuído pela família da criança com deficiência inserida no programa de intervenção de enfermagem às cartas terapêuticas.

CAMINHO METODOLÓGICO

Pesquisa de abordagem qualitativa realizada com seis famílias atendidas no *Programa de Intervenção com Família no Contexto da Deficiência Mental* (PIFCDM), um programa estruturado que propõe intervenções para o fortalecimento da resiliência da família, realizado na Associação Pestalozzi de Campo Grande/MS, aprovada pelo Comitê de Ética da Instituição.

Dentre as intervenções de enfermagem neste programa destacam-se as cartas terapêuticas, objeto desta pesquisa, que são enviadas no decorrer dos encontros terapêuticos, conforme as necessidades da família, e na finalização dos encontros com a família no programa. Em 2010, foram atendidas nove famílias no programa. Foram encaminhadas em média doze cartas terapêuticas e realizados dois telefonemas terapêuticos. Para coleta de dados utilizamos a entrevista semiestruturada com seis famílias que receberam alta do programa, com média de duração de 30 minutos, com a participação de seis mães, um pai, um padrasto, uma avó e três irmãos. Cinco entrevistas foram realizadas na instituição e uma na residência da família. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas pelo pesquisador, logo após sua realização. Foi utilizada a Análise Qualitativa de Conteúdo, segundo Morse, para guiar a análise dos dados (17).

RESULTADOS

A Análise Qualitativa realizada nos permitiu avançar na compreensão do significado das cartas terapêuticas para a família da criança com deficiência. A categoria *“Sendo uma referência para a família”* exprime o significado da carta

terapêutica para a família. Trata-se de uma experiência nova, muitas vezes nunca vivenciada pela família, e que a surpreende de maneira prazerosa, permitindo o despertar de sentimentos positivos. A partir do recebimento da carta, a família, sentindo-se confortada e considerada, realiza algumas ações no sentido de divulgá-la junto aos seus entes significativos e de mantê-la sob sua guarda como algo muito valioso. Como consequência, a família percebe que a leitura da carta a torna mais envolvida com a situação vivenciada e amplia sua compreensão sobre a mesma, tornando-se um momento rico de reflexão e aprendizagem para todos. Há maior interação entre os membros da família, pois todos se sentem ajudados e desta forma se unem na leitura e discussão do que estão vivenciando, possibilitando a construção conjunta de estratégias que resultam em uma modificação na maneira como manejam a situação.

As subcategorias que compõem são apresentadas a seguir.

Valorização e respeito

Ao receber as cartas terapêuticas a família revela sentir-se valorizada e respeitada pela enfermeira, de maneira nunca antes vivenciada, porque percebe a disponibilidade desse profissional em relação aos seus problemas e desafios, elevando sua autoestima e despertando sentimentos de felicidade *“As cartas..., me senti muito bem..., eu nunca recebi carta de ninguém, fiquei muito feliz..., comentei...: ‘que bom, nem nas férias a A. (enfermeira) se esqueceu da gente’. Nossa, nós ficamos tão felizes..., adorei..., o H. também lia junto e gostou” (Narrativa da família 1 –F1).*

A família se percebe importante na relação com o profissional, que demonstra por meio da carta valorizar sua experiência, ouvindo-a e registrando sua história. Perceber-se sendo respeitada também é evidenciado quando outros membros da família reconhecem a importância daquele que recebe as cartas, ou que é mencionado em um trecho da mesma, e que por isso tem sua individualidade valorizada. Narrativas ilustrativas da experiência da família: *“Ah eu me senti importante, respeitada..., ouvida...” (F4).* *“A gente se sente importante, porque é uma coisa, assim, que a gente não recebe de ninguém e a gente viu que, tipo assim..., é uma preocupação..., eu me senti muito importante..., eu falei: ‘nossa é difícil achar alguém assim, que se preocupe, né...?’” (F3).* *“Nossa, receber as cartas, nossa..., meu marido falou: ‘nossa, hein, você tá, hein...’ E ele leu primeiro, porque mandou no nome dele, ele viu que era pra ele, né? Daí ele ficou todo, todo... Nossa, ele disse: ‘você tá muito solicitada..., recebendo carta, que importante...’ (Risos)” (F6).*

Saber que o profissional mantém todos os arquivos das conversas terapêuticas realizadas nos encontros e que depois se preocupa em enviar-lhe uma carta é muito significativo e demonstra o cuidado e a preocupação desse profissional. Cartas terapêuticas transmitem à família um sentido de disponibilidade em termos de tempo e postura comprometida do profissional, assim como de sua capacidade de escuta

atenta. Ao perceber a disponibilidade do profissional, a família sente-se mais próxima dele. As cartas têm o potencial de construir um elo profundamente respeitoso entre o enfermeiro e a família da criança com deficiência. *“E saber, assim, que a conversa fica guardada, tudinho, pra depois passar pra gente..., que não passou de uma conversa..., sabe, tipo..., não foi só um momento, mas que foi um momento que ficará registrado..., está registrado..., tá ali no papel.” (F4).* Em encontros subsequentes, a família narra como a carta recebida fez bem a todos os seus membros, e abre-se com maior receptividade ao profissional.

Suporte

As cartas terapêuticas tornam-se uma fonte de suporte para a família, que se percebe sendo ajudada e apoiada, tanto em situações difíceis de relacionamento com os membros da família, como para ampliar seu conhecimento sobre a deficiência e o manejo das adversidades advindas do contexto dela. O reconhecimento e a validação das suas crenças e sentimentos, em relação ao sofrimento vivenciado durante todos os anos transcorridos, ajuda a família a relembrar situações de superação e possibilita a ela a elaboração de novas maneiras de enfrentamento. Desta forma, as cartas terapêuticas tornam-se um instrumento valioso para a família ampliar sua compreensão sobre o que está sendo vivido. As leituras repetidas, assim como os conselhos, os textos dirigidos para cada situação particular e a indicação de filmes, nos encontros terapêuticos, são excelentes recursos reconhecidos pela família para aprofundar seu conhecimento e dar suporte para a tomada de decisões necessárias ao enfrentamento dos desafios. Por apresentar um forte impacto sobre a família, esses recursos tornam-se elementos fundamentais para a reflexão e realização de mudanças relacionais e comportamentais com o filho deficiente e com os demais membros da família. *“Os textos me ajudaram a entender bastante em como lidar, sabe..., entendi bastante, e é sobre aquilo lá que foi os ensinamentos que eu aprendi... Então, hoje tá superado tudo, as cartas eu lia bastante..., lia e relia, pra mim entender o que que tava ali né... Então, me ajudou bastante e tá me ajudando e vai me ajudar...” (F6).* *As cartas, os textos e o filme me ajudou..., você tem que ter fé, não desanimar diante das..., que nem, muitas vezes eu tentei me matar..., eu não queria mais viver, não... Então, eu me sinto ajudada, a gente, por mais que tenha problema, tem força e fé também. Então, o filme pra mim, e as cartas..., deu suporte.” (F5).*

Interação familiar

A família percebe que as cartas terapêuticas propiciam encontro entre os membros da família, que se unem na leitura e nas discussões sobre os assuntos nelas ponderados. A leitura conjunta e as conversas geradas entre os membros da família proporcionam intimidade relacional na família, podendo contribuir para melhorar o relacionamento entre todos. *“As cartas ajudaram bastante, ele (o pai) lia pra mim e nós conversamos mais..., e ele deita e fica lendo...” (F2).*

Recurso

A família revela que não consegue esquecer as cartas e que as lê várias vezes, mesmo transcorrido um tempo entre o recebimento, pois lhe ajuda a lembrar de tudo o que conversou e vivenciou nos encontros do programa. Revela que sempre recorre às cartas, principalmente quando tem uma dificuldade ou para buscar uma referência que a ajude em momentos mais tensos, ou simplesmente porque lhe provoca uma sensação de bem-estar. As cartas tornam-se um apoio substancial à família, que reconhece sua experiência e forças nas expressões escritas. A família guarda todas as cartas e textos recebidos com muito zelo, com o objetivo de tê-las sempre consigo para lhe ajudar a relembrar de suas experiências e ser uma fonte de estímulo para recarregar as forças e enfrentar as adversidades que encontra em sua trajetória com o filho. *“As cartas que vinham, nossa..., estão todas guardadinhas..., adoro ler e releer, são coisas assim que a gente não se esquece... É lindo... A gente fica lembrando, aqui a gente conversou tal dia... Ontem mesmo, eu tava mexendo pra guardar aquela lá, e li tudo de novo... Quando eu preciso, eu sempre leio as cartas... (Risos). Porque, nossa, só me ajudou..., foi muito bom. Foi uma ajuda muito grande, assim, pra gente, né...?” (F4).* Também, a família divulga e mostra para os demais profissionais da entidade e inclusive oferece as cartas para eles lerem, demonstrando seu valor e o contentamento provocado por ter recebido algo relevante para sua trajetória. Tal fato tem impacto entre os demais profissionais da instituição, que percebem a família mais empoderada e confiante em suas capacidades para o manejo da situação vivenciada.

DISCUSSÃO

As cartas terapêuticas são referências para a família da criança com deficiência, pois lhe permite refletir sobre a situação vivida e representam importante suporte para que ela compreenda melhor a sua experiência e se fortaleça para os enfrentamentos cotidianos. Receber as cartas significou para a família ser valorizada e respeitada em sua narrativa de vida com a criança e proporcionou momentos de interação familiar, sendo um recurso que a família recorre quando necessita. A família manifesta sua satisfação em perceber a predisposição do profissional que se preocupou em ajudá-la em sua experiência e desafios de vida. Essa predisposição abre possibilidades para a família compartilhar o sofrimento experienciado em sua história com a criança e com o impacto da deficiência na família, e para receber apoio e cuidado. Em um estudo (18), em que o autor buscou compreender o significado que os clientes atribuíam às cartas terapêuticas recebidas de conselheiros, observamos elementos comuns aos deste estudo, em que as famílias apreciaram a sensação de ter alguém que de fato se preocupa com elas, mesmo fora das sessões terapêuticas, transmitindo um sentido de disponibilidade do profissional e de sua capacidade de ouvir. Evidências de outro estudo em que o autor analisou o impacto da carta terapêutica na relação do profissional com o cliente, mostraram que os clientes sentiam-se valorizados, pois percebiam que o profissional não poupou

seu tempo para sentar e escrever uma carta (19). Os clientes mostraram satisfação por perceberem uma relação menos distante e mais pessoal do profissional. Desta maneira, as cartas terapêuticas parecem manter uma ligação entre a família e o profissional, apesar da passagem do tempo entre os encontros, e dão um sentido de suporte e compromisso do profissional. O sentimento de valorização e respeito, e a disponibilidade do profissional percebida pela família ao receber a carta terapêutica parecem ter importância na construção da relação terapêutica entre o profissional e a família.

Moules ao analisar cartas terapêuticas utilizadas como intervenção com famílias atendidas em sessões terapêuticas, evidenciou que cartas contribuíram para preservar e conservar na memória do cliente o momento vivido e o evento de sofrimento e cura (15). Esse fato vem ao encontro do sentido atribuído pelas famílias deste estudo, que guardam as cartas terapêuticas recebidas, pois as mesmas as ajudam a relembrar suas experiências, suas forças na superação das adversidades, e servem de referência e estímulo para enfrentar futuros desafios com o filho. Cartas terapêuticas parecem proporcionar intimidade relacional com potencial de cura na família, podendo melhorar o relacionamento entre os membros e entre o enfermeiro e a família. Encontramos na literatura, que elas têm o potencial para curar, para convidar a família à reflexão e à mudança na maneira como o sofrimento é percebido pelos membros da família (20-21).

O uso de cartas como intervenção terapêutica pode ajudar a família a resgatar sentimentos de pertença e de respeito a si mesma. As cartas parecem ter o potencial de fazer emergir na família um sentido de empoderamento de sua história de vida com a criança deficiente, em que ela se identifica como família e vê em sua trajetória, possibilidades de continuar vivendo e superando os desafios que a situação de deficiência do filho lhe trouxe. Mamede utilizou principalmente cartas e fotografias no trabalho com internas em tratamento psiquiátrico, evidenciando que as cartas podem ajudar no resgate da dignidade, da auto-imagem e da constituição do *self* (22).

Assim, cartas terapêuticas ajudam a família a conservar na memória o que poderia ser esquecido e a ajuda a refletir sobre como manejou as situações difíceis enfrentadas com o filho deficiente, abrindo perspectivas otimistas para o enfrentamento presente e para um futuro de possibilidades. Elas parecem ampliar os limites da compreensão da família, que incorpora mais da sua experiência vivida, e torna-a mais facilmente elaborada e aceita. Escrever cartas com intenção terapêutica exige do profissional o cuidado de pensar o que irá escrever, em como a família interpretará os escritos e o impacto que ela trará. O conteúdo de uma carta terapêutica deve facilitar a compreensão da família e ser cuidadosamente redigido, delicadamente apresentado e intencionalmente posicionado. As cartas favorecem a confiança da família e o fortalecimento de vínculo com o enfermeiro, que ao testemunhar sua história de vida e seu potencial de superação das adversidades, demonstra compromisso com ela. O relacionamento da família e do enfermeiro é estendido por meio da carta terapêutica,

configurando-se como uma intervenção terapêutica. Cartas podem facilitar e preservar a integridade da relação do enfermeiro com o cliente (20).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo nos levou a refletir sobre o significado que as famílias de crianças com deficiência atribuem às cartas terapêuticas recebidas durante sua participação no programa de intervenção. As cartas terapêuticas utilizadas neste programa não tiveram como objetivo substituir os encontros terapêuticos da enfermeira com a família, mas foram encaminhadas durante os encontros e na finalização dos mesmos.

Os resultados deste estudo levam-nos a sugerir que cartas terapêuticas legitimam as crenças e os sentimentos da família no momento do seu sofrimento, reativam a memória delas com relação às situações adversas já enfrentadas com o filho, e apresentam possibilidades de enfrentamento da situação atual, fortalecendo o potencial delas para a superação ou alívio do sofrimento. Cartas terapêuticas são fontes de inspiração para a família rever seus relacionamentos e o modo de cuidar do filho com deficiência. A preocupação com pesquisas de intervenção com a família é recente na enfermagem, cabendo destacar que ainda são poucos os estudos que têm como foco de interesse tal aspecto, o que motiva a busca por uma maior compreensão deste fenômeno e de sua aplicabilidade prática.

O enfermeiro tem uma importante função junto às famílias que experienciam a situação de ter um filho com deficiência, podendo ajudá-las nessa situação. Todavia, é preciso que o profissional esteja instrumentalizado para identificar o potencial e os elementos fundamentais no funcionamento da família, a fim de ajudá-la a ter suas capacidades fortalecidas. O Programa de Intervenção com Família no Contexto da Deficiência Mental (PIFCDM) é fundamentado no marco teórico constituído pelo Interacionismo Simbólico, pelo Modelo de Vulnerabilidade da Família e Modelo de Resiliência Familiar, e oferece uma estrutura organizada que direciona a intervenção do enfermeiro para uma prática avançada com família na experiência da deficiência (23-25). O enfermeiro pode identificar habilidades na família que possibilitem o planejamento de intervenções visando ao suporte e ao fortalecimento das competências familiares, e buscar evidenciar o potencial de cada família para reestruturação e promoção do seu funcionamento saudável. Acreditamos que as cartas terapêuticas mostraram ser intervenções valiosas nesse processo. Embora a literatura e os resultados desse estudo sejam encorajadores e mostrem os benefícios da utilização de cartas terapêuticas como intervenção com famílias que vivenciam o sofrimento advindo da situação de doença, deficiência, perda e luto, é fundamental a ampliação de estudos sobre a temática, para ser consolidada como intervenção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Levorlino SA. Estudo das percepções, sentimentos e concepções para entender o luto de familiares de portadores da síndrome de Down da cidade de Sobral – Ceará. [Tese de Doutorado]. São Paulo (SP): Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo; 2005.
2. Leal EN. A criança com síndrome de Down: expectativa da família quanto ao processo de inclusão escolar. [Dissertação]. Ribeirão Preto (SP): Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo; 2006.
3. Franco V, Apolônio AM. Desenvolvimento, resiliência e necessidades das famílias com crianças deficientes. *Revista Ciência Psicológica*. 2002; 8:40-54.
4. Holanda ER, Collet N, Costa SFG da. Crianças com Síndrome de Down: o significado do cuidar na percepção de mães. *Online Brazilian Journal of Nursing [Internet]*. 2008 [Acesso em: 09 ago 2010]; 7(2). Disponível em: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/j.1676-4285.2008.1443/347>
5. Barbosa MAM, Chaud MN, Gomes MMF. [Vivências de mães com um filho deficiente: um estudo fenomenológico]. *Acta Paul Enfermagem* 2008; 21(1):46-52.
6. Barbosa MAM, Pettengill MAM, Farias TL, Lemos LC. Cuidado da criança com deficiência: Suporte social acessado pelas mães. *Rev Gaúcha Enferm*. 2009; 30(3):406-12.
7. Wright LM, Leahey M. *Enfermeiras e Famílias: um guia para avaliação e intervenção na família*. 5ª Ed. São Paulo: Roca; 2012.
8. Wright LM, Simpson P. A systemic belief approach to epileptic seizures: a case of being spellbound. *Contemporary Family Therapy: An International Journal*. 1991; 13(2): 165-80.
9. Wright LM, Watson WL. Systemic family therapy and family development. In: Falicov CJ. *Family transitions: Continuity and change over the life cycle*. New York: Guilford; 1988.
10. Wright LM, Watson WL, Bell JM. *Beliefs: The heart of healing in families and illness*. New York: Basic Books; 1996.
11. Levac AM, McLean S, Wright LM, Bell JM, “Ann, & Fred. A Reader’s Theatre” intervention to managing grief: Post-therapy reflections by a family and a clinical team. *Journal of Marital and Family Therapy*. 1998; 24(1): 81-94.
12. Moules NJ. *Nursing on paper: The art and mystery of therapeutic letters in clinical work with families experiencing illness [Unpublished doctoral thesis]*. Alberta (Canada): University of Calgary; 2000.
13. Moules NJ. *Nursing on paper: Therapeutic letters in nursing practice*. *Nursing Inquiry*. 2002; 9(2): 104-13.
14. Moules NJ. *Therapy on paper: Therapeutic letters and the tone of relationship*. *Journal of Systemic Therapies*. 2003; 22(1): 33-49.
15. Moules NJ. *Therapeutic letters in nursing: Examining the character and influence of the written word in clinical*

- work with families experiencing illness. *Journal of Family Nursing*. 2009; 15(1): 31-49.
16. Moules NJ, Thirsk LM, Bell JM. A Christmas without memories: Beliefs about grief and mothering – A clinical case analysis. *Journal of Family Nursing*. 2006; 12(4): 426-41.
 17. Morse JM, Field PA. *Qualitative research methods for health professionals*. 2ª ed. Thousand Oaks: Sage; 1995.
 18. Pyle RN. Therapeutic letters as relationally responsive practice. *Journal of Family Nursing*. 2009; 15(1): 65-82.
 19. Rodgers N. Therapeutic letters: a challenge to conventional notions of boundary. *Journal of Family Nursing*. 2009; 15(1):50-64.
 20. Bell JM, Moules NJ, Wright LM. Therapeutic letters and the Family Nursing Unit: a legacy of advanced nursing practice. *Journal of Family Nursing*. 2009; 15(1):6-30.
 21. Moules NJ. The past and future of therapeutic letters: family suffering and healing words. *Journal of Family Nursing*. 2009; 15(1): 102-11.
 22. Mamede MC. *Cartas e retratos: uma clínica em direção à ética*. [Tese de Doutorado]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia; 2002.
 23. Marchetti MA. (2012). Programa de intervenção na família no contexto da deficiência mental: um espaço para promover mudanças. Tese (Doutorado) – Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.
 24. Pettengill MAM, Angelo M. Vulnerabilidade da família: desenvolvimento do conceito. *Rev Latino-am Enfermagem*. 2005; 13(6): 982-8.
 25. Walsh F. (2005). *Fortalecendo a Resiliência Familiar*. São Paulo: Roca.